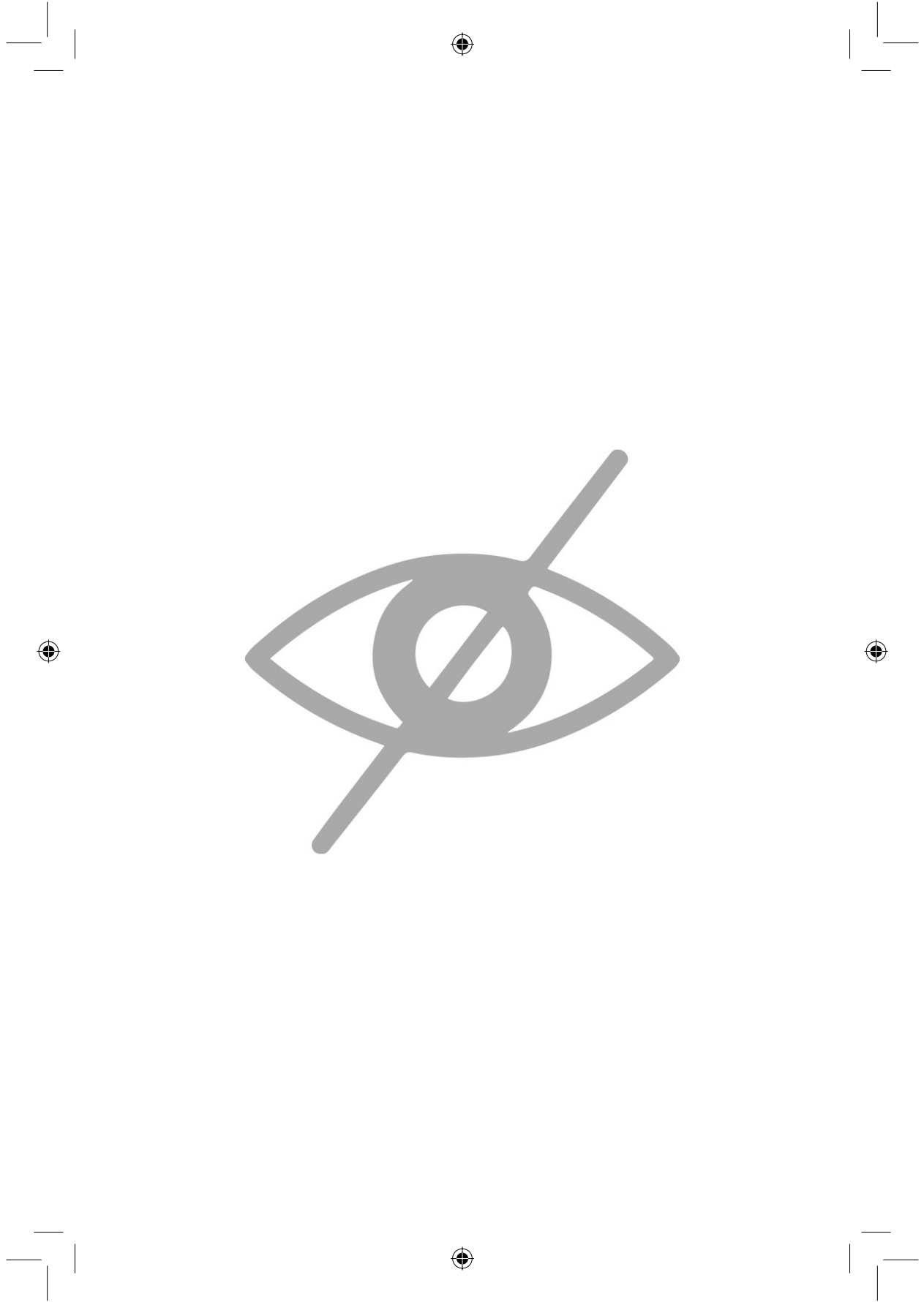
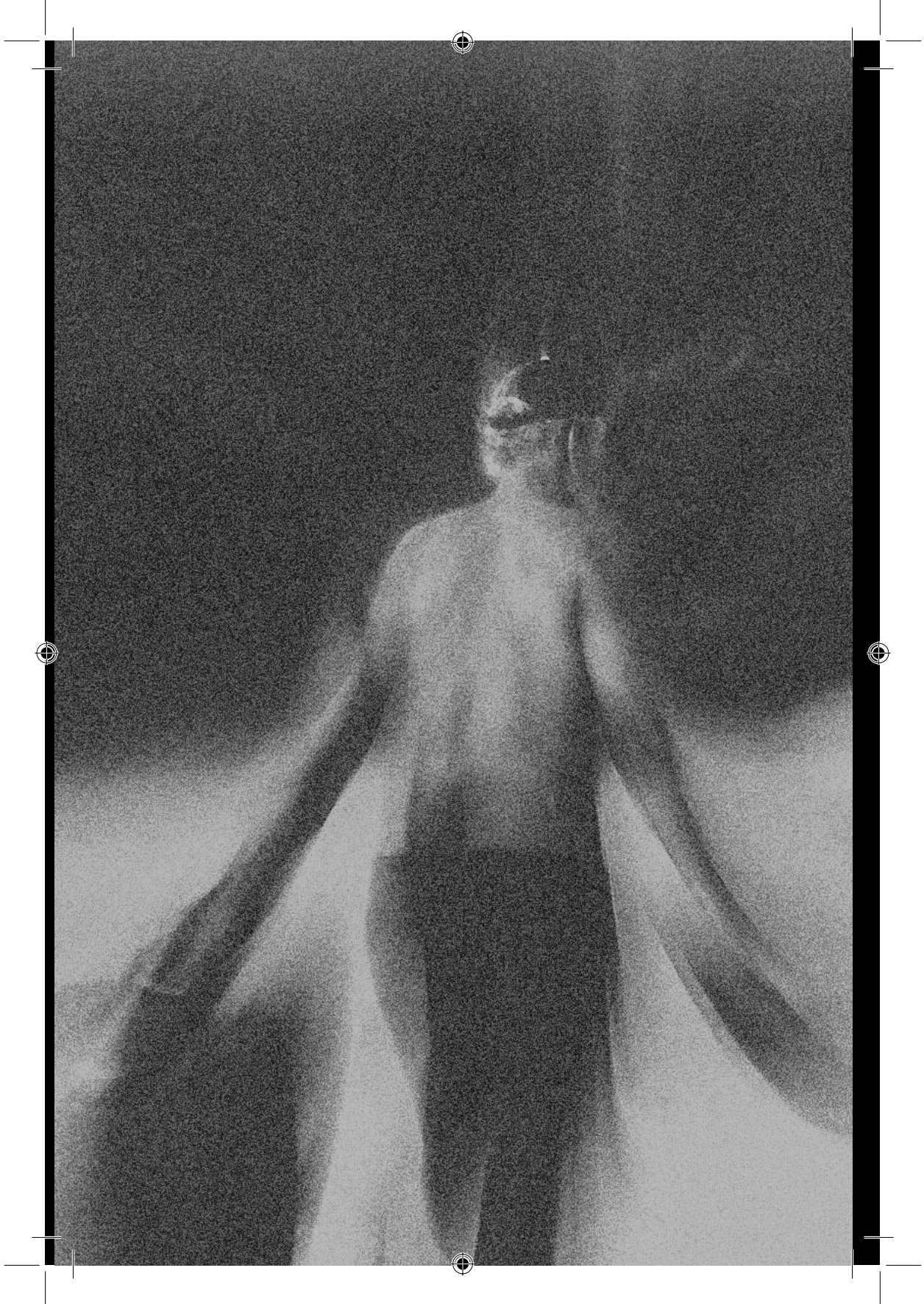






KATHARINA GURGEL

CRÔNICAS DA
VIDA REAL
O VISÍVEL DO INVISÍVEL

2021

© *by* Katharina Gurgel

Conselho Editorial Sarau das Letras

Alfredo Pérez Alencart

Ângela Maria Rodrigues de Oliveira Pereira Gurgel

David de Medeiros Leite

Kalliane Sibelli de Amorim Oliveira

Lília Maria Machado Souza

Manoel Onofre Júnior

Raimundo Antonio de Souza Lopes

Ficha técnica

Arte da capa: Pacífico Medeiros

Projeto gráfico: Augusto Paiva

Revisão: Itaércio Porpino

Fotos: Katharina Gurgel

Catálogo na Fonte: Ana Cláudia Carvalho de Miranda – CRB15/261

G413c Gurgel, Katharina.
Crônicas da vida real: o visível do invisível / Katharina Gurgel.
Mossoró/RN: Sarau das Letras, 2021.

132p.: il.

ISBN: 978-65-86269-20-8

1. Literatura brasileira. 2. Crônicas. I. Título.

CDU: 82(81)-94

Printed in Brazil, 2019

Sarau das Letras Editora Ltda.

Rua Antônio Vieira de Sá, Quadra 45, Casa 3, Anexo, Conjunto Portal do Sol, Nova Betânia,
Mossoró/RN – CEP: 59607-100 – Brasil

Contatos: clauderarcango@gmail.com – davidmleite@hotmail.com

Às minha filhas, Luiza e Beatriz, razão de tudo.

À minha mãe, Kátia, minha fortaleza.

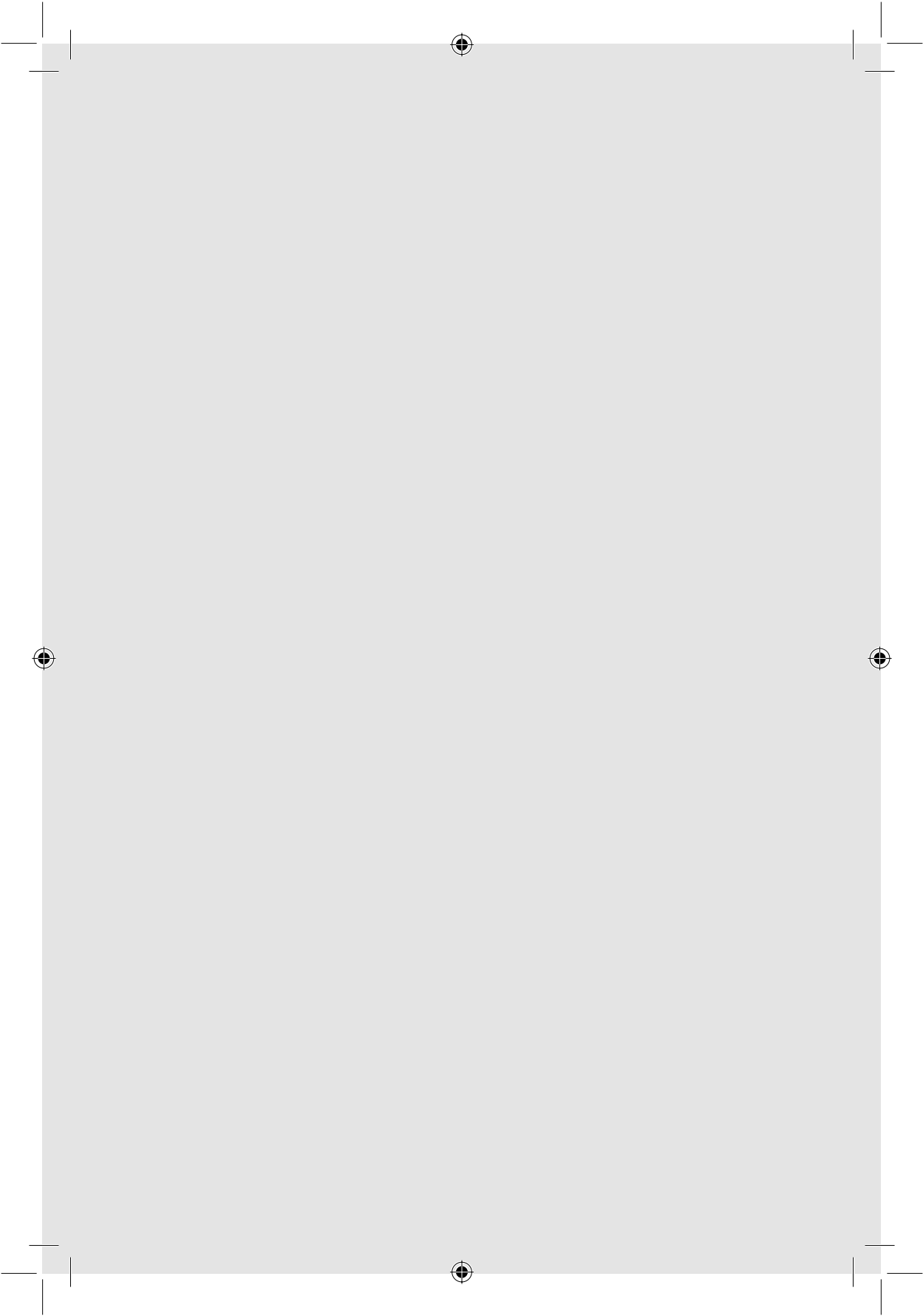
À minha irmã Carmela, inspiração na luta pela vida.

À minha família, meu alicerce.

Aos meus amigos e amigas, indispensáveis no meu viver.

A Pacífico Medeiros, pelo presente de uma capa tão linda e sensível.

À minha filha Luiza, pela magia e maestria que se relaciona com as palavras, transformando o Prefácio do meu livro numa linda declaração de amor



AGRADECIMENTO

Agradeço a todas essas pessoas que cruzaram um dia o meu caminho, de forma não planejada, mas com um propósito. A todos esses seres invisíveis, tão excluídos, desamparados, ignorados, esquecidos, omitidos, calados, censurados, famintos e sedentos, principalmente de amor, o meu muito obrigada. Vocês me foram lição, me expandiram, quanto humana, no entendimento melhor sobre força, resistência, resiliência, esperança, fé e humanidade.

PREFÁCIO

Pergunte a uma criança qual poder ela gostaria de ter. Se a resposta não for da velocidade ou da força, pode ter certeza que será da invisibilidade. Pobre criança, pureza sublime, vestida de inocência, mal sabe ela que o que pode ser visto como magia aos olhos de quem ainda pouco vive, no decorrer da vida e no desgaste do tempo, transforma-se em condição social, destino nada imprevisível, prisioneiro de recortes invisíveis do ser ou do apenas existir.

Ser invisível, no Brasil, não é sinônimo de superpoder, mas pode significar, sim, super-herói e super-heroína. Ser invisível, no Brasil, tem endereço fixo, ou melhor, real. Tem cor – na maioria dos casos –, tem curvas, tem nome. Ser invisível, no Brasil, é ser sem ser percebido, é viver às margens daquilo que os olhares comuns e chatos enxergam, é viver da esperança que brota no vento, porque, na terra, no chão, não vale a pena.

Ser invisível, no Brasil, é, às vezes, existir não existindo; é ser um número. E só.

Em dezembro de 2019, o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) divulgou um relatório sobre desenvolvimento humano que analisou a realidade dos países referente ao ano de 2017. O documento revelou que o Brasil ocupava a sétima posição no ranking de desigualdade mundial, ficando atrás apenas de países africanos. No ano seguinte, 2018, quem analisou a conjuntura desse cenário mundial foi a Organização das Nações Unidas (ONU), a partir do Relatório de Desenvolvimento Humano, também compartilhado em dezembro de 2019. Nele, constatou-se que o Brasil é, hoje, o segundo país mais desigual do mundo, estando atrás apenas do Catar, no continente asiático.

Essas posições não surpreendem mais. Para um país em que 1% da população total concentra em mãos mais de 28% de toda a renda produzida na nação, de acordo com a ONU; para um país em que, no ano de 2018, o rendimento médio por mês da população 1% mais rica foi quase 34 vezes maior do que da metade mais pobre, e que, ainda assim, a renda dos mais ricos continua subindo, e dos mais pobres, caindo, segundo o IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; para um país em que, conforme pesquisa do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 27,4% das mulheres que tem 16 anos ou mais sofreram algum tipo de violência nos últimos 12 meses, sendo 8,2% delas afirmando que a violência veio da internet – quando, em 2017, esse número era de pouco mais de 1%; para um país em que quase metade (43%) da população diz que o índice de moradores e moradoras de rua aumentaram em 2020,

de acordo com levantamento do Instituto Datafolha; para um país em que, diante de um recorte de raça e escolaridade, 80% de pessoas pretas e pardas sem estudo básico morreram de COVID-19 frente a 19,6% de pessoas brancas com nível superior – é o que revela um estudo da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ); para um país em que todos esses números refletem a realidade e as condições de vida de tanta gente, e que é notória a ganância de lucro e de poder almejada em qualquer viela desse grande mecanismo chamado Brasil, não se esperaria menos do que ótimas posições no ranking mais perverso, brutal, desumano, invasivo, atroz do mundo: o da desigualdade social.

A desigualdade e a invisibilidade caminham juntas nessa terrível sabatina de quem pode ganhar mais, de quem pode viver e de quem está predestinado a morrer no Brasil. Esse é um assunto que deve ser discutido, pensado, ouvido, falado, problematizado, sim. É como a escritora, professora e filósofa contemporânea, Djamila Ribeiro, diz: são “igualdades abstratas, desigualdades concretas”. Por isso, deve-se urgentemente desvirar esses dados do baralho, escancarando-os, para que possamos enxergar aquilo que nos tentam cegar a todo momento. E a Minha Mãe, Katharina Gurgel para as e os que não a conhecem ainda, fez isso com maestria, delicadeza e, sobretudo, respeito, ao escrever o livro “Crônicas da Vida Real: o Visível do Invisível”.

Minha Mãe conseguiu transpor no papel a realidade e a concretude do que foi a vida real no momento em que o teu caminho cruzou-se com o de todas as pessoas que constituem este livro. Ao lê-lo, somos convidadas e convidados a integrar

aquela história; a estar ali, mesmo o “estar” ser, hoje, apenas um passado. As cores do breve instante que fez surgir cada crônica vão se desvendando cada vez mais página por página, assim como os traços e as construções. O livro vai deixando de ser livro e passando a ser espaço, físico, porém, eternizado pelo hiato do infinito. Ao folheá-lo, somos não mais meros leitores e leitoras, e sim, agora, o mosquito que ziguezagueava, a árvore que sombreava, o solo rachado que assegurava o encontro. Passamos a ser elementos presentes e carnaís da própria narrativa.

A cada história, tantos ensinamentos. Cada troca empírica, cada estar, cada segundo estagnado para que aquelas pessoas pudessem ser, simplesmente, ouvidas. É a vida real no seu modo mais puro e genuíno. Com direito a sorrisos, lágrimas, vozes fatigadas, pés descalços, suores, silêncios, respiros, revoltas, fé, honradez. Aquelas pessoas escolhidas pelo destino – invisíveis aos olhos da rotina, visíveis a quem descobre, dia após dia, motivos do viver –, ensinam-nos, com excelência, as matérias mais importantes que qualquer graduação, e que sequer são notadas: as virtudes. Seja a PACIÊNCIA do frentista do posto, a VIVACIDADE de Adriana, a INTEGRIDADE de seu Antônio, a HONESTIDADE de Alana, a GRATIDÃO da senhora do banheiro, a DETERMINAÇÃO de Cureco, a HUMILDADE de Dona Damiana, a ESPERANÇA de dona Francisca, a DIGNIDADE de João, a VONTADE do outro João, a BONDADE dos irmãos com o mesmo nome, a SERENIDADE do vovô da rodoviária, o INTIMISMO de Pela Pau, a CORAGEM de seu Rodrigo, a LIBERDADE de Tony Gabriel, a PUREZA de Raíssa e João, o AUTOCONTROLE de Wanderlei. São essas pessoas, e tantas como elas, as verdadeiras

heroínas e heróis do mundo, que não se curvam à ganância, à ambição e ao poderio, vítimas de uma sociedade incapaz de amar.

Antes de finalizar, quero deixar registrada a minha surpresa ao ser convidada pela Minha Mãe para escrever este prefácio - surpresa recheada de felicidade. Demorei alguns dias para dar o start na escrita. Hoje, sei que esse adiamento era, na verdade, o tempo que a ficha precisou para cair totalmente. Não achei que seria eu, mas como pedido de mãe é ordem, não pude recusar (risos). Para você, cara leitora e caro leitor, acredito que o fato deste prefácio, espécie de “prólogo” da leitura real, ser escrito por uma filha cerceado entre o amor e a admiração à sua mãe, pode ser um indício de que as próximas páginas serão dotadas de vida. Até porque tudo que vier do amor entre uma mãe e uma filha – em sua maioria – é um bom sinal. Aliás, fiz questão de escrever Minha Mãe com letras maiúsculas para fortalecer a ideia de que o ser mãe é único e especial, mais até do que nome próprio. Minha ou sua, não importa, porque ela é nossa, e mais do que isso, ela é Mãe.

Sem mais prolongamentos, o convite agora é meu e se estende a você. A partir do próximo folheado, conhecerás a delicadeza da literatura da autora, e o labirinto de palavras que tem como porta de saída o nosso coração – ou seria chegada? -. Sinta o mergulho nas profundezas de histórias visíveis, porém, invisíveis. Histórias estas que nascem, vivem e morrem ao nosso redor, mas estão ocupadas demais sobrevivendo.

Luiza Gurgel

